



# Safra de milho está em alerta por falta de chuvas

Atualmente, a colheita de milho atinge 8% das lavouras do Estado



JOSÉ SCHAFER/DIVULGAÇÃO JC

Quantidade de grãos produzida em solo gaúcho é insuficiente para abastecer indústria de frangos e suínos

**Bárbara Lima**  
barbaral@jcrs.com.br

A safra de milho pode sofrer com a falta de chuvas no Rio Grande do Sul. De acordo com Alencar Rugeri, assistente técnico em culturas da Emater-RS/Ascar, apesar de 40% do grão já ter sido colhido, mais da metade ainda pode ser afetada pela estiagem que atinge regiões do Estado nas últimas semanas.

“Do que já foi colhido, a falta de chuva não tem reflexos. Os impactos que mais preocupam estão nas regiões Norte e Noroeste, sobre o que ainda não foi colhido. Na região Nordeste, historicamente, temos um clima mais favorável à cultura e é onde está uma boa parte da produção. É o que nos alenta”, explica. Rugeri salienta que o grão já colhido é de qualidade. Atualmente, a colheita de milho atinge 8% das lavouras do Rio Grande do Sul.

De acordo com ele, ainda não é possível afirmar se a safra irá concretizar as projeções feitas. Em agosto de 2024, a Emater projetou, com base na média histórica, uma produção total de aproximadamente 35 milhões de toneladas de grãos na safra de verão, representando um aumento de 16,91% em relação à safra anterior, que alcançou 29,99 milhões de toneladas. Já a produção de milho, por sua vez, foi projetada em 5,32 milhões de toneladas, crescimento de 18,35%.

Mesmo com o crescimento, a produção de milho no Estado é insuficiente para alimentar criações de frangos e suínos. De acor-

do com Rugeri, as políticas públicas para incentivar a produção do grão ainda precisam avançar, embora já existam programas importantes, como Programa Troca-Troca de Sementes de Milho e Sorgo, o Pró-Milho e o Programa de Irrigação. Ainda segundo ele, o principal benefício do milho é agrônomico, devido à necessidade de rotatividade nas lavouras. Na visão dele, os agricultores preferem a soja pela janela de florescimento da planta, que é maior, e pelo risco mais baixo. “Tem mais janela, o milho é mais arriscado, responde mais ao clima, é mais frágil. Além disso, a soja é mais fácil de comercializar.”

Rugeri diz que, como técnico da Emater, tem como sonho atender à demanda de milho da indústria no Estado. “Hoje só estamos na frente de Santa Catarina. O milho é agronomicamente essencial, e temos demanda da indústria. Além disso, a praga da cigarrinha está mais controlada, mas é uma cultura que ainda precisa avançar”, afirmou.

Valdecir Luis Folador, presidente da Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul (Acsurs), afirma que, para a produção de suínos no Estado, que chega a cerca de 16,8 milhões (entre animais que vão para abate e os do plantel fixo), são necessárias 2 milhões de toneladas de milho. Ele, que também é suinocultor, diz que, no primeiro semestre, é possível comprar milho gaúcho com facilidade, mas que, a partir do segundo, muitas vezes, é preciso comprar de outros estados, como Paraná, Mato Grosso ou

Mato Grosso do Sul. “O Rio Grande do Sul tem como estocar bem o milho para o segundo semestre, então conseguimos comprar daqui também, é claro, mas alguma coisa ainda precisamos buscar em outros estados. Fica mais caro para o produtor, e o Estado deixa de arrecadar com ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços)”, refletiu.

José Eduardo dos Santos, presidente da Organização Avícola do Estado do Rio Grande do Sul, contabiliza que o setor avícola gaúcho consome, em média, 3 milhões de toneladas de milho por ano. “A importação de milho acontece há anos, gerando milhões de reais em ICMS para outras unidades da federação de onde se importa o grão. Além de outros estados, o setor também importa de outros países, como Argentina e Paraguai. O déficit de milho é histórico no Estado. Setores como a avicultura gaúcha só se mantêm ativos porque são empreendedores persistentes e produzem com garra e qualidade”, critica.

Ele afirma que ainda tem esperança de uma produção de milho e cereais de inverno no Estado que atenda às necessidades locais. “O programa Duas Safras trouxe essa chama de esperança, porém, as adversidades climáticas e mercadológicas travaram esse avanço. O programa, capitaneado por Farsul, Embrapa, ABPA (Associação Brasileira de Proteína Animal) e com nossa participação e apoio, conseguiu uma mobilização nunca vista antes no Estado. É uma luz no fim do túnel”, pondera. O milho corresponde a 70% da ração das aves.



**Gerson Anzzulin**  
atencaonoseguro@gmail.com

Atenção  
no seguro

INFORME PUBLICITÁRIO

## Seguro Fiança Locatícia

O seguro fiança locatícia tem se consolidado como uma das principais alternativas ao fiador para garantir o pagamento do aluguel. Entre janeiro e agosto de 2024, o produto arrecadou R\$ 1,147 bilhão, marcando um crescimento de 25,7% em comparação ao mesmo período de 2023, de acordo com dados da Confederação Nacional das Seguradoras. Este tema será abordado nesta entrevista com Roberto França, integrante do Grupo de Trabalho responsável pela cartilha do Seguro Fiança Locatícia e da Comissão de Crédito e Garantia da Federação Nacional de Seguros Gerais.



CRÉDITO: DIVULGAÇÃO FENSEG

**Roberto França: “O Seguro Fiança é a melhor garantia disponível para locação no mercado”**

**- Quais as vantagens deste produto para os proprietários, inquilinos e imobiliárias?**

A primeira é o valor que o seguro fiança agrega à relação contratual, sem a necessidade de um fiador para alugar um imóvel. A seguradora não apenas garante o contrato de locação, mas também vai prestar toda assessoria no processo de cobrança junto ao inquilino. Isto evita custo para a imobiliária e preocupações relacionadas à retomada da posse do imóvel. A principal entrega do produto é a garantia do recebimento dos aluguéis no vencimento, independentemente do pagamento do locatário.

**- O seguro fiança foi criado para proteger proprietários de imóveis e imobiliárias contra danos durante a locação?**

Uma das garantias que as seguradoras comercializam neste produto é a cobertura de danos ao imóvel ocasionados durante o período de locação. A verificação de tudo aquilo que estiver em divergência entre a vistoria final e a inicial é de responsabilidade da seguradora no ato da desocupação do imóvel, entrega amigável ou despejo.

**- Recentemente a FenSeg lançou a cartilha “Fiança Locatícia: Como Usar”. Como surgiu essa iniciativa?**

Este produto é uma garantia financeira com diversas particularidades. Ainda existem muitas dúvidas no mercado, inclusive sobre a comercialização. Diante da percepção deste cenário, a FenSeg decidiu lançar a cartilha para explicar ao público o seguro fiança locatícia em todos os seus aspectos. Através de uma linguagem direta, abordamos diversos pontos, como sinistro, coberturas e limites.

**- O que é considerado como cobertura básica dentro do seguro fiança locatícia?**

A cobertura de aluguel. A apólice possui limite máximo de responsabilidade com um determinado múltiplo como garantia ao proprietário. Existem coberturas complementares, como IPTU, condomínio, água, luz e gás. Também são ofertadas coberturas rescisórias, como pintura interna e externa, danos ao imóvel e multa rescisória, quando a desocupação do imóvel ocorre de forma antecipada ao período de contrato.

**- Como se dá a forma de pagamento do seguro fiança locatícia?**

Geralmente o pagamento do prêmio é fracionado no boleto do aluguel. O inquilino acaba tendo o comprometimento de fazer um pagamento mensal, o que facilita a contratação da garantia sem a necessidade de dispensar uma quantia expressiva para a aquisição deste seguro.

## ACOMPANHE AS NOVIDADES DO MERCADO SEGURADOR.

Assine nossa newsletter diária. Mande email para [sindsegrs@sindsegrs.com.br](mailto:sindsegrs@sindsegrs.com.br)

Nos siga nas redes sociais:

